IV SIES
Simpósio Internacional de Educação Sexual:
Feminismos, identidades de gênero e políticas públicas
De 22 a 24 de abril de 2015
Local: UEM

COMPREENSÕES DE GÊNERO NOS MATERIAIS DIDÁTICOS ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lucimar da Luz Leite
Mestranda em Educação – PPE/UEM
Cássia Cristina Furlan
Doutoranda em Educação – PPE/UEM
Eliane Rose Maio
Docente DTP/PPE/UEM

RESUMO

Partindo do pressuposto de que as relações de gênero estão presente no ambiente escolar, nesta pesquisa bibliográfica explicitaremos considerações acerca das relações sociais de gênero presentes nos materiais didáticos do Ensino Fundamental (1º a 5º ano), da cidade de Campo Mourão, visando refletir acerca da importância dessa temática no âmbito escolar e na formação de professores/as para a desconstrução de uma visão naturalizada/normatizadora que se tem construído a respeito dos gêneros. A partir da análise de figuras retiradas dos materiais didáticos, concluímos, por meio de interpretações e significações, que há a proeminência de relações de gênero, por vezes ainda desiguais, perpetuando estruturas normatizadoras na educação escolar. Há dificuldade de um trabalho consistente e científico sobre as relações de gênero, o que acaba por reproduzir ainda mais as representações de gênero como algo naturalizado. Pretendemos que este estudo possa contribuir para uma melhor compreensão a respeito da possibilidade de uma aprendizagem mais questionadora em relação aos gêneros, sobretudo nos materiais didáticos, no sentido de auxiliar a prática educacional.

Palavras-chave: Educação; Gênero; Materiais didáticos.

INTRODUÇÃO

Há diversos discursos presentes nos meios sociais que apresentam noções dadas de que as relações sociais de gênero sempre estiveram atreladas aos significados naturais/biológicos. No entanto, diferentes autores/as (VIANA; RIDENTI,

1998; MORENO, 1999; MAIO, 2011; FERREIRA, 2006; LOURO, 2000; 2007) estudam as relações de gênero a partir de elementos sociais e culturais. Nesse sentido, podemos dizer que existem diversos discursos construídos historicamente em torno do gênero, evidenciando uma aprendizagem vinculada a uma herança histórica, social e cultural.

Partindo dessa compreensão, objetivamos discorrer sobre as relações de gênero presentes em materiais didáticos[1], visando refletir acerca da importância dessa temática no âmbito escolar e na formação de professores/as, para que esses/as profissionais possam trabalhar com as questões de gênero sem receios e estereótipos e que, assim, possam realizar as intervenções necessárias, visando desconstruir a visão naturalizada/normatizadora que se tem construído a respeito dos gêneros.

Com o intuito de atingir os objetivos esperados, em um primeiro momento ponderaremos acerca de alguns elementos históricas intrínsecos às questões de gênero, na acepção de mostrar as diversas compreensões arquitetadas culturalmente. No segundo momento, abordamos a respeito das manifestações de gênero refletidas nos materiais didáticos selecionados. Nesta análise explicitamos duas categorias: as relações de gênero nos jogos, brinquedos e brincadeiras; e Relações de gênero e organização familiar.

[1] Os livros didáticos analisados perpassam os anos de 1998 a 2011, uma edição de escola particular e as demais de escolas públicas.
Sistema Maxi de ensino. **1º ano do ensino fundamental**. Matemática, 1º bimestre. Livro do professor. 2006.
CARNEVALLE, Maria Rosa. **Projeto Prosa:** ciências, história e geografia: ensino fundamental. Saraiva, 2008.
CARPANEDA, Isabella Pessoa de Melo; BRAGANÇA, Angiolina Domanico. Porta aberta: **letramento e alfabetização,** 2º ano. São Paulo: FTD, 2011.
SARLI, Eny Garcia. **Caminhando com as letras**: atividades de alfabetização**,**. São Paulo: Casa Republicana Brasileira, 198.
DANTE, Luiz Roberto. Ápis: **Alfabetização Matemática,** 3º ano. São Paulo: Ática, 2011.
BONJORNO, José Roberto. **Matemática pode contar comigo: Alfabetização,** 1º ano. São Paulo: FTD, 2008.
VESENTINI, J. William. Ápis: Geografia**,** 3º ano. São Paulo: Ática, 2011.

GÊNERO(s): ABORDAGEM CONCEITUAL

As mudanças ocorridas na sociedade nos mais diversos âmbitos (social, cultural, político e econômico) são evidentes, no entanto, algumas condições culturais e ideológicas "ultrapassadas" relacionadas a tais segmentos permanecem em diversos ambientes de socialização, isso porque os significados ideológicos estão vinculados às suas origens, interferindo nos papéis a serem desempenhados, também no que se refere à construção de identidades de gênero.

A esse respeito, Moreno (1999) nos auxilia quando destaca que, ao entrarmos em contato com o mundo, recebemos influências socioculturais que interferem na formação 'padronizada' de meninos e meninas. No entanto, a autora entende que "[...] os padrões e modelos de conduta não podem ser modificados com a simples imposição de uma disposição ou de um decreto-lei." [...] (MORENO, 1999, p. 30). A mudança deve-se iniciar nas mentalidades das pessoas que estão inseridas na escola. Apenas a existência de leis não é suficiente para garantir a promoção da igualdade de gênero na escola. É preciso que essas leis sejam postas em ação, possibilitando uma formação consciente no que concerne as identidades de gênero.

Vianna e Ridenti (1998) afirmam que as atribuições sobre o(s) gênero(s) é cultural, embora tenha sua origem nas distinções baseadas sobre o corpo (biológicas). Assim, alegam que

> a maioria das sociedades apresenta uma divisão de trabalho baseada em padrões masculinos e femininos. Essa divisão se constitui em torno de uma tendência praticamente universal de separação da vida social entre esfera pública, associada ao homem (à política e ao mercado de trabalho), e a esfera privada, doméstica, vinculada à reprodução e ao cuidado das crianças. [...], (VIANNA; RIDENTI, 1998, p.97).

As diferenças de gênero apreendidas historicamente traduzem-se nos comportamentos, nas atitudes, nas representações e no pensamento das pessoas. Para Moreno (1999), o paradigma androcêntrico, que prega a dominação do masculino sobre o feminino, traz influência na constituição da identidade de

alunos/as. Essas influências iniciam-se no meio familiar, e, consequentemente, é refletido na escola. Nesse sentido, Moreno (1999) defende a necessidade de se repensar a educação de modo a questionarmos as representações de gênero.

Para Louro (2007, p. 21-22), o conceito de gênero está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. “É por meio das feministas anglo-saxãs que *gender* passar a ser usado como distinto de *sex* [...] busca-se, intencionalmente, contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalizadas a respeito da ‘Mulher’ ou do ‘Homem’”. Dessa forma, o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e representações sobre mulheres e homens são diversos.

Nesse sentido, são diversos os questionamentos que podem ser propostos acerca do conceito de gênero. Sendo um avanço nos estudos feministas, também acaba por vezes, tornando-se mera categoria relacional de sexo, tornando a construção cultural destinada à reverberação biológica. É extremamente necessário o constante questionamento para não cair nas armadilhas impostas pela cultura hegemônica, e mesmo pelas próprias armadilhas inscritas no binarismo de gênero.

Verificamos que a noção estável de gênero já não serve mais como premissa básica da política feminista, pois de forma binária e excludente normatiza relações e submete a exclusões. É necessária uma política feminista, como propõe Butler (2003), que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político.

Nesse sentido, pensando-se na perspectiva dos livros e materiais didáticos, é importante entender, como supõe Moreno (1999) que os livros, para além de possibilitar o ensino e aprendizagem da leitura, escrita dentre outras, são impregnados de códigos e símbolos sociais, que consistem em uma ideologia sexista que ‘dita’ padrões na conduta de meninos e meninas. Desse modo, as brincadeiras se diferem conforme os gêneros. Por exemplo: “[...] as meninas têm liberdade para serem cozinheiras, cabeleireiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras etc., [...]”. (MORENO, 1999, p.32). Em controvérsia as brincadeiras de meninos expressa liberdade, força e ousadia. Visto que “[...] os

meninos são livres para serem índios, ladrões de gado, bandidos, policiais, “super-homens”, tigres ferozes ou qualquer outro elemento da fauna agressiva.” (MORENO, 1999, p.32).

Ao longo do tempo, valores e padrões de comportamentos considerados de meninas e meninos são reafirmados, e esses papéis específicos em função de cada gênero, consequentemente, são reproduzidos nas instituições escolares, revelando comportamentos próprios conforme cada gênero. As crianças, ao evidenciarem comportamentos não considerados “certos” ao seu gênero, são rotuladas, porque há compreensão dos aprendizados ideológicos como algo pré-determinado e próprio da natureza da criança, consistindo, então, a escola em um espaço de repressão contra os comportamentos que contradizem o natural. Essa perspectiva está presente em diversos espaços educacionais, permeando a educação de crianças. Entretanto, não podemos afirmar que mudanças não foram promovidas ao longo dos tempos, pensando-se na perspectiva da equidade de gêneros. Mas, percebemos, pelo estudo dos materiais didáticos, e pelas diversas pesquisas promovidas no âmbito escolar, que as diferenciações binárias de gênero ainda se perpetuam dia a dia nas instituições de ensino, como marcas de uma sociedade que continua a representar as pessoas segunda uma identidade pré-atribuída de acordo com suas características físicas, pois mesmo modelos de feminilidade e masculinidade não são aceitos se estão sendo representados em corpos que não condizem biologicamente com os gêneros autorrepresentados.

A POSSIBILIDADE DE TRABALHO DE GÊNERO NOS MATERIAIS DIDÁTICOS

O sistema educacional, como qualquer outro meio de socialização, posiciona-se em meio a uma contextualização histórica e social. Sendo assim, em vários momentos, reproduz as estruturas de poder, de privilégios de um gênero em relação a outro em nossa sociedade. Ferreira (2006) salienta que o espaço da escola é propício para a criação e estimulação de gênero.

> a escola produz e reproduz conteúdos e identidades culturais. Reproduz porque, como faz parte da sociedade, participa das representações que, nessa, circulam. A escola também é reprodutora de cultura, por ser um microcosmo com capacidade de elaboração de práticas particulares, conforme as circunstancias e os indivíduos que nela convivem. (FERREIRA, 2006, p. 72).

Nas relações sociais estabelecidas de forma binária, são construídas as definições normativas da feminidade e masculinidade. A escola também reforça a desigualdade de gênero alimentando a ideia da diferença entre os gêneros e por vez, a inferioridade feminina em determinadas situações sociais.

Moreno (1999, p.53) salienta que "[...] a História que se ensina nas classes de Ensino Fundamental e Médio, é uma história sem mulheres, é exclusivamente masculina". Assim sendo, entendemos que os livros didáticos contribuem para a manutenção dos sistemas de pensamentos e atitudes sexistas.

A escola precisa entender que seu papel não pode restringir-se ao de mera transmissora de conteúdos. Seu papel engloba em igual importância a dimensão socializadora. A escola deve ser, portanto, um espaço privilegiado de construção do ser, promovendo discussões sobre a igualdade de direitos e sobre recusa de formas de discriminação e desempenhar um papel importante no processo de socialização, contudo concretamente ainda separa e demarca o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e/ou ao mundo masculino. Não basta inserir as meninas nas atividades, achando que essa atitude assegura o acesso aos diversos tipos de saberes. É preciso ir além pela adoção de prática reflexiva que impeça o ciclo repetitivo das atividades estereotipadas.

RELAÇÕES DE GÊNERO NOS JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

As figuras a seguir foram retiradas de alguns materiais didáticos, utilizados no Ensino Fundamental. Ao analisar as figuras, devemos nos atentar para elementos (brinquedos, postura, cor das vestimentas, acessórios, espaço e terminologia), que

evidenciam as relações sociais de gênero. Esses elementos podem nos auxiliar numa compreensão mais precisa quanto às problematizações de gênero na escola.

Figura 1. Meninos soltando pipas
Fonte: Sistema Maxi de ensino. 1º ano do ensino fundamental. Matemática, 1º bimestre. Livro do professor.

Na figura 1, aparecem apenas meninos soltando pipas, isso porque, historicamente essa brincadeira foi atribuída como uma atividade "naturalmente" de meninos, visto que a estes era permitido o ambiente público e à mulher o espaço doméstico. Já na figura 2, percebemos que há apenas meninas representadas no espaço privado (doméstico), exercendo brincadeiras consideradas femininas, como o cuidado da casa, a representação da vida por meio de bonecas e a valorização do papel doméstico da mulher na sociedade.

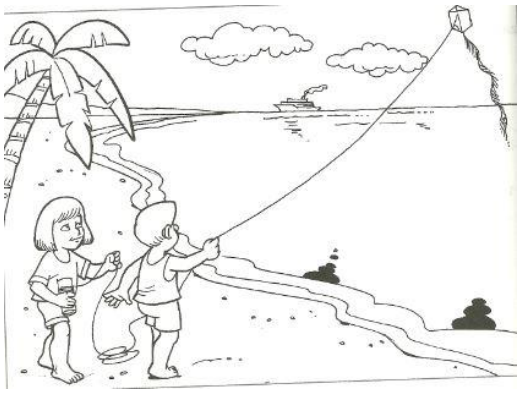
Figura 2. Representação do momento em que as meninas estão brincando
Fonte: Sistema Maxi de ensino. 1º ano do ensino fundamental. Matemática, 1º bimestre livro do professor.

Outro ponto que nos chama a atenção na segunda imagem refere-se à cor das vestimentas das meninas, três delas usando alguma roupa ou acessórios rosa e do espaço em que realizam as brincadeiras, um quarto rosa, representando culturalmente um quarto feminino. O ambiente onde está ocorrendo o momento lúdico sugere reflexo da falta de liberdade, diferentemente da primeira figura em que

demonstra um espaço livre para os meninos desfrutarem de tempo para lazer e diversão.

Figura 3. Crianças brincando com diferentes brincadeiras
Fonte: CARNEVALLE, Maria Rosa. **Projeto Prosa: ciências, história e geografia: ensino fundamental.** Saraiva, 2008.

Os dados da figura 3 nos permitem verificar diferenças de gênero refletidas nas diferentes brincadeiras. As meninas estão brincando de amarelinha, um espaço pré-determinado, novamente representadas com vestimenta rosa, identificando a feminilidade; os meninos aparecem brincando de bola, correndo livremente. A esse respeito, "[...] de maneira menos ou mais evidente, os livros didáticos reforçam a construção de especificidades para um ou outro gênero." (FERREIRA, 2006, p.73). Para a autora, tanto quanto as imagens, os textos são produtores de estereótipos e discriminação de gênero.



Fígura 4: crianças soltando pipa.
Fonte: SARLI, Eny Garcia. Caminhando com as letras: atividades de alfabetização**.** São Paulo: Casa Republicana Brasileira, 1998.

Na figura 4 podemos verificar a inserção de menino e menina na realização da brincadeira de soltar pipa, no entanto, também podemos verificar que a criança

que está de fato no controle do brinquedo é o menino, e a menina permanece num espaço secundário de controle do enrolar e desenrolar da linha. Essa imagem nos remete a perspectiva do papel secundário, atribuído à mulher ao longo dos tempos.

Figura 5: crianças em um parque.
Fonte: DANTE, Luiz Roberto. Ápis: **Alfabetização Matemática,** 3º ano. São Paulo: Ática, 2011.

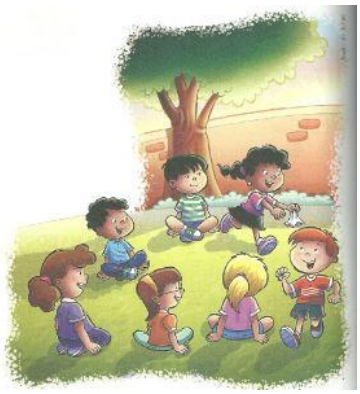


Figura 6: Corre cotia.
Fonte: CARPANEDA, Isabella Pessoa de Melo; BRAGANÇA, Angiolina Domanico. Porta aberta: **letramento e alfabetização,** 2º ano. São Paulo: FTD, 2011.

Nas imagens apresentadas (figura 5 e 6), visualizamos a promoção da igualdade de oportunidades entre os gêneros nas brincadeiras, pois as crianças são representadas em diversas atividades lúdicas, sem a separação rígida de papéis de gênero. Cada criança está sendo representada em uma atividade diferente. Porém, ainda há a identificação de meninas com a cor rosa, exprimindo diferenciação de gênero.

Figura 7: Crianças e sólidos geométricos.
Fonte: DANTE, Luiz Roberto. Ápis: **Alfabetização matemática,** 3º ano. São Paulo: Ática, 2011.

Ao diferenciar meninos e meninas de acordo com a cor, como uma representação social das diferenças, a imagem (figura 7) também demostra a clara diferenciação quanto às brincadeiras de meninos e meninas. O menino da imagem aparece montado um carrinho, brinquedo característico de meninos. Já a menina se apresenta em uma construção de personagens, representando brincadeiras de casinha, próprias das brincadeiras de meninas.

Figura 8: sala de aula.
Fonte: Sistema Maxi de ensino. **1º ano do ensino fundamental**. Matemática, 1º bimestre. Livro do professor. 2006.

A sala de aula representa um espaço repleto de relações sociais que, por vezes, perpassam as diferenciações de gênero. Na imagem notamos novamente a inserção da cor como fator demarcatório representacional de feminilidade. As bolsas ao lado das carteiras representam a diferenciação de gênero; às meninas, bolsa rosa, roxa, vermelha, aos meninos azul, verde e amarelo. A sala divide-se em filas de carteiras, separadas por gênero. Somente uma fila possui essa não demarcação, podendo representar as divisões (in)visíveis presentes no ambiente escolar.

Os comportamentos são respaldados na cultura, possibilitando as pessoas padrões de conduta de ambos os gêneros. Assim,

> a distinção entre os sexos é algo inculcado, ou seja, é algo que se reproduz do exterior para o interior das crianças bem antes que nos corpos se vejam, de maneira mais precisa diferenças anatômicas (a natureza) entre homens e mulheres (FERREIRA, 2006, p. 71).

Nessa perspectiva de distinção entre os sexos/gêneros, podemos analisar também a presença de figuras que representam as formas de organização familiar presentes nos materiais didáticos analisados.

ORGANIZAÇÃO FAMILIAR E RELAÇÕES DE GÊNERO

Em plena contemporaneidade os modelos heteronormativos de família ainda são refletidos na sociedade, em especial, na escola. Averiguamos que os materiais didáticos recentes (2008 e 2011), representam o padrão considerado 'ideal' de família (por parte da sociedade que não admite outras configurações familiares - heterossexual) constituída por mãe, pai e filhos/as e o papel da mulher nos afazeres domésticos, tais como o cuidado com os/as filhos/as, casa.

Figura 9: Papel da mulher.
Fonte: CARPANEDA, Isabella Pessoa de Melo; BRAGANÇA, Angiolina Domanico. **Porta aberta**: letramento e alfabetização**,** 2º ano. São Paulo: FTD, 2011.

Figura 10: Organização familiar.
Fonte: CARNEVALLE, Maria Rosa. **Projeto Prosa:** ciências, história e geografia: ensino fundamental. Saraiva, 2008.

A figura 10 revela o modelo de família tradicional, constituída por várias pessoas. Além das cores das vestimentas, posições das pessoas e objetos os quais evidenciam diferenças de gênero, o sexismo na redação que compõe a imagem é algo evidente. São utilizados somente termos sexistas (pais, filhos, primos, tios), não considerando a flexão de gênero, para referirem-se às pessoas do gênero masculino e feminino. Se fosse o contrário, utilizassem-se os termos (mães, filhas, primas, tias) para ambos os gêneros, acreditamos que poderia causar estranheza pois atualmente ainda há significações da sociedade patriarcal.

Figura 11: Organização familiar.
Fonte: VESENTINI, J. William. Ápis: Geografia**,** 3º ano. São Paulo: Ática, 2011.

A figura 11 revela o tipo de família que atualmente se espera na sociedade, o pai, a mãe e as filhas. Casal heterossexual e poucos filhos/as, no máximo dois (1ª imagem). Além disso, a responsabilidade da figura feminina para com as crianças (2ª imagem). A esse respeito, Perrot (1988) destaca que há a distinção histórica entre os espaços para homens e mulheres. As atividades (ciência, o estado, trabalho remunerado) do setor público destinavam-se somente aos homens. As tarefas da

esfera privada (família, casa) ficavam sob a responsabilidade das mulheres. Havia a compreensão de que "[...] Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúdica, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos" (PERROT, 1988, p.177). A citação mostra-nos que culturalmente ser 'homem' e ser 'mulher' é possuir papéis específicos. As funções são totalmente diferentes. Essas visões clássicas de desigualdade e discriminação de gênero, infelizmente, ainda são situações concretas nos espaços familiares, e, portanto, refletidos nos conteúdos escolares.

Diante das colocações expostas, entendemos que as atribuições tradicionalmente incumbidas aos gêneros existem há muitos séculos, contudo, partimos do pressuposto de que tais implicações permanecem de maneira evidente na sociedade atual: na família, na mídia e também na escola. Essa influência certamente se manifesta no material didático, desde a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ainda hoje, o gênero é compreendido como algo pré-determinado. Esta constatação evidencia a necessidade de um trabalho voltado para as questões de gênero na escola e também na formação de professores/as.

Enfim, o que se perceber em parte é que apesar das tentativas das discussões acerca do tema gênero, o silêncio, a insegurança e o despreparo encontram-se inseridos no espaço escolar, pois as discussões que se travam teoricamente nem sempre são concretizadas, uma vez que muitas escolas veem essas discussões de forma biologicistas e não como um aspecto de construção cultural. É nesse sentido que Maio (2011) deixa bem claro a necessidade da inserção de temáticas como as questões de gênero na formação de professores e professoras.

Considerações Finais

Ao analisarmos os materiais didáticos do Ensino Fundamental (1º a 5º ano), visualizamos como esses materiais podem contribuir com elementos ideológicos que

formam padrões diferenciais entre meninos e meninas, entendendo a existência de atividades e brincadeiras próprias de cada gênero.

Além das brincadeiras, evidenciou-se em nossa análise princípios culturais da sociedade heteronormativa, destacando, assim, o papel da mulher na esfera privado (afazeres domésticos, cuidados com os/as filhos/as), e do homem no setor público (trabalho, política e na ciência).

Desse modo, faz-se preciso a inserção da temática de gênero nas grades curriculares dos cursos de licenciaturas, para que os conteúdos escolares não sejam trabalhados pelas/os docentes com passividade, e sim questionados.

REFERÊNCIAS

BONJORNO, José Roberto. **Matemática pode contar comigo: Alfabetização,** 1º ano. São Paulo: FTD, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão de identidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEVALLE, Maria Rosa. **Projeto Prosa:** ciências, história e geografia: ensino fundamental. Saraiva, 2008.

CARPANEDA, Isabella Pessoa de Melo; BRAGANÇA, Angiolina Domanico. Porta aberta: **letramento e alfabetização,** 2º ano. São Paulo: FTD, 2011.

DANTE, Luiz Roberto. Ápis: **Alfabetização Matemática,** 3º ano. São Paulo: Ática, 2011.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Docentes, representações sobre relação de gênero e consequências sobre o cotidiano escolar. In: SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Meri Rosane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade.** Problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande/RS: Edit. da FURG, 2006, p. 69-82.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAIO, Eliane Rose. Educação escolar, palavras e “palavrões”. *In:* _____. **O Nome da Coisa.** Maringá: Unicorpore, 2011, p.179-202.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

PERROT. Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SARLI, Eny Garcia. **Caminhando com as letras**: atividades de alfabetização**,**. São Paulo: Casa Republicana Brasileira, 198.

Sistema Maxi de ensino. **1º ano do ensino fundamental**. Matemática, 1º bimestre. Livro do professor. 2006.

VESENTINI, J. William. Ápis: Geografia**,** 3º ano. São Paulo: Ática, 2011.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. *In*: AQUINO, Julio G. (Org.). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, pp.93-105.

COMPREHENSION ABOUT GENDER ISSUES IN ELEMENTARY SCHOOL'S TEACHING MATERIALS

ABSTRACT

Assuming that gender relations are present in the school environment. In this bibliographic search, we explicit considerations about the socialrelations of gender present in textbooks of elementary school (1st to 5th Grades), from the city of Campo Mourão, aiming to reflect about the importance of this theme in the schools and in teacher's formations for the deconstruction of a naturalized view that has been built about genders. From the analysisof figures taken from the teaching materials, we conclude that there is the prominence of gender relations, sometimes still unequal, perpetuatingnormalizing structures in school education. There are difficulties of a consistent and scientific work on gender relations, which ultimately further reproduce the representations of gender as something naturalized. We intend that this study can contribute to a better understanding about the possibility of a more questioning learning about the gender, especially in teaching materials, to help with educational practice.

Keywords: Education; Gender; Teaching Materials.